



MEU RIO GRANDE, MEU LAR!



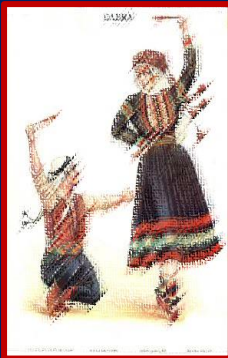
Índice

<i>Pátria Pampa</i>	03
<i>Coreografia</i>	04
<i>Bombo leguero</i>	05
<i>Milongão</i>	05
<i>Malambo</i>	07
<i>Boleadeiras</i>	08
<i>Nosso Lugar</i>	09
<i>Figurino</i>	10
<i>Maquiagem</i>	11
<i>Cenografia</i>	12
<i>Coreógrafa</i>	13
<i>Elenco</i>	14
<i>Técnica</i>	15
<i>Apoio</i>	16
<i>Inspirações</i>	17
<i>Referências</i>	18
<i>Bibliografia</i>	19
<i>Projetos Sociais</i>	20

Pátria Pampa

*“...andejos cruzam os campos
dois idiomas para ‘el gaúcho’
três bandeiras, um só canto.
Habitam cifras, milongas
no bojo das andaluzas
que sonorizam a pampa
como a quebrar o encanto
da moura da Salamanca
que se escondeu no Jarau.”*

*Raízes Beduínas para o Canto Gaúcho
Moises Silveira de Menezes*



*“Cultura, na realidade, não tem fronteira. Na região dos pampas, era
uma mescla só.”*

Coreografia

A coreografia “Meu Rio Grande, meu lar”, busca ressignificar o espaço da mulher gaúcha nas danças pampeanas e sua relação de amor a esta terra. Quando duas forças da natureza se encontram nos vastos campos do pampa sul rio grandense, uruguaio e argentino, começa uma jornada de paixão, fé, superação, luta e gratidão.

A “narrativa” começa trazendo a força da mãe natureza e da mulher. As forças da Mãe Natureza englobam a capacidade de criar e destruir, representada pelos elementos da natureza como terra, água, fogo e ar, além de sua influência nos ciclos da vida, fertilidade e na capacidade de cura. Também é vista como uma força poderosa que pode trazer tanto beleza e harmonia quanto desastres naturais, mostrando toda sua potência e imprevisibilidade. Cada mulher é também uma força da natureza, capaz de dar a vida, nutrir, transformar e fazer crescer sonhos no mundo ao seu redor. Elas enfrentaram invasões, guerras, preconceitos e as mais diversas provações, mas sobrepujaram e se estabeleceram.

Me vejo olhando para o céu, rogando para que as inclemências do tempo não levem mais um ano de trabalho!

Amo minha terra como amo a minha mãe, com esse amor desmedido que brota desde o mais profundo da alma...

(Flor Alvarez)



Bombo Leguero

Neste momento, o som grave e potente do bombo leguero remete à essa força da natureza e a ancestralidade dos povos que habitaram a região. Esse instrumento rústico, um símbolo da identidade pampeana, era utilizado para convocar reuniões, anunciar eventos importantes e marcar o ritmo das festividades, atuando como um meio de comunicação. Isso tudo forjou o caráter únicos dessas pessoas transfronteiriças, mestiças de sangue chárria e ibérico, com raízes profundas mouras árabes/africanas, que vagueava pela imensidão das planícies, mas que foi se aquerenciando quando os limites geográficos e políticos se consolidaram, contudo, sem deixar esmorecer suas tradições, resguardando o orgulho da cultura gaúcha sulamericana.



Milongão

Por isso festeja essa sobrevivência “a su manera”.

A coreografia segue com a mítica “Milonga para as Missões”, um milongão, que marca o ritmo tanto do trote dos animais do pampa quanto dos pés que dançam nos salões.

A escolha de uma peça instrumental permite que a música fale por si mesma, sem a necessidade de palavras. A ausência de letra convida quem ouve a mergulhar profundamente nas nuances da melodia, sentindo cada nota como uma expressão das paisagens e das histórias pampeanas. A música instrumental tem o poder de transcender barreiras linguísticas, permitindo que cada pessoa interprete e sinta a música de

maneira única e pessoal. É conhecida por sua melodia e ritmo que aqui é utilizado para transportar o ouvinte a um tempo e lugar específicos, repletos de significados e emoção.

A milonga, um estilo musical e de dança originária da Argentina e Uruguai, trazendo uma história rica, marcada por influências africanas e europeias. Mais do que uma simples melodia, a milonga carrega consigo o espírito dos “payadores”, que, com suas “guitarras”, encantavam multidões com versos poéticos. Com o tempo, a milonga evoluiu, incorporando elementos de ritmos como o candombe e a valsa, moldando-se até influenciar o tango, ganhando ramificações.

A dança mistura influências europeias e afro-caribenhas, é tipicamente mais solta, menos complexa e com um ritmo mais rápido do que o tango. A dança também pode incorporar elementos de comédia, incluindo improvisações e movimentos bruscos ou exagerados. Na Argentina, a milonga também se refere a um evento ou local onde as pessoas se reúnem para dançar milonga e tango.

A milonga contempla uma das sonoridades mais reconhecidamente gaúchas e é um dos vetores culturais da fronteira, patrimônio imaterial do espaço sulino. "O Rio Grande do Sul talvez seja o lugar onde há mais variações de milonga, porque a cada festival nativista vai se criando algo novo, um põe um acorde diferente, outro uma percussão".

*"As cordas vão ordenando, os rumos do pensamento,
e no trotezinho lento, de uma milonga campeira
vai saindo campo afora, o melhor do sentimento. "*

(Milonga del solitario, Otahualpa Yfupanqui, 1955)



Malambo

O Malambo é originalmente criado por volta de 1600 no pampa argentino, existem dois tipos: o norteño e o sureño, sendo uma dança de desafio de sapateado que procura emular movimentos do homem do campo, a cavalo. Também é dançado no Uruguai e no Rio Grande do Sul, se assemelhando muito à chula, um símbolo de força e destreza.

A Chula praticamente todo mundo já viu alguma apresentação ao vivo ou na televisão brasileira e nas mídias sociais. Já o Malambo não é tão conhecido, mas já teve muitos grupos folclóricos do RS que dançavam regularmente, atualmente é vista mais em espetáculos e shows.

O estilo sureño exige mais da musculatura do joelho para baixo, porque são movimentos com botas garrão de potro, um calçado feito do couro da perna do cavalo ou gado. Essas botas não possuem salto, muitas delas ainda eram cortadas nas pontas dos pés para os ginetes poderem se segurar no cavalo, uma vez que ainda não havia o uso de estribos.



Então, como a dança se desenvolveu com uma bota que não fazia muito barulho, os malambistas realizavam os movimentos muito velozmente. Já que não podiam usar tanto o repique, tinham de trabalhar muito com pernas e poses. Depois, a dança foi se propagando até o norte, onde se desenvolveu a vertente norteña, com botas de salto, técnica do sapateio vibrante, mais ritmado. O corpo também entrou numa outra dimensão de teatralidade.

O poder da dança está no espírito, no coração... No dia em que se perde isso, perde-se tudo. É preciso sentir batida por batida. A mensagem que precisa chegar com clareza às pessoas é: Aqui estou, venho dessa terra". (Pablo Sanches, maestro malambista)

Boleadeiras



Herdada de tribos indígenas da América do Sul, a boleadeira é composta de uma até três bolas de pedra arredondadas revestidas de couro e amarradas entre si por tiras de couro torcido, chamados tentos, medindo um metro cada uma delas.

Quando da chegada dos europeus, os índios utilizavam dois tipos de boleadeiras: de uma bola, chamada de bola perdida e a de duas bolas chamada de nhanduzeira, por ser utilizada principalmente para a caça do nhandú (ema). Com o tempo o gaúcho acrescenta mais uma bola, ficando com três, dando a ela o nome de “Três Marias” tinha por objetivo de caçar animais de maior porte como o gado que foi abandonado dos “Sete Povos das Missões”, e acaba adquirindo uma excelente destreza no seu uso como arma, principalmente quando manejada de a cavalo nas guerras no sul do continente.

Entre todos os utensílios de caça e/ou armas utilizados pelos gaúchos, nenhum é mais característico e mais peculiar que a boleadeira. Não há dúvidas de que os europeus em geral, desconheciam totalmente o uso da boleadeira nas invasões do continente americano.

Em meados dos anos 70, um coreógrafo argentino descobriu, com muita curiosidade e amor à sua terra e à sua história, uma forma artística de dançar com as boleadeiras. Primeiro tentou a dança com três bolas, mas rapidamente se verificou que não eram práticas para coreografias. Depois de experimentar com duas bolas, abriu-se automaticamente um vasto espectro de possibilidades coreográficas e rítmicas. Foi então que se desenvolveu uma dança virtuosa impressionante, artística e acrobática.

A boleadeira com duas bolas, atualmente é utilizada numa das variações da dança folclórica pampeana, unindo sapateado ao som do bombo leguero, para demonstração de habilidade, simbolizando a valentia e a defesa do território.

Nosso Lugar

Felizmente os tempos mudam e evoluem em vários aspectos. Há poucos anos, algumas danças pampeanas deixaram de ser exclusivamente masculinas. Já eram praticadas por mulheres que eram apaixonadas pelas danças e não aceitavam a simples imposição normativa de que o gênero era determinante para permitir quem podia ou não participar, especialmente relegando a mulher ao papel de fragilidade, submissão ou conquista/flerte. Hoje em dia, podemos encontrar grupos femininos a bater os pés, tocar bombos e a usar boleadeiras.



As mulheres estão a ganhar espaço e a mostrar a sua capacidade e habilidade em áreas que há muito tempo eram impensáveis, restritas ou proibidas. A força e a energia das danças pampeanas executadas com as características próprias femininas resultam numa sinergia que evoca um poder diferente a ser apreciado e admirado. E não se trata apenas de uma demonstração artística, há também muitos significados e conquistas por trás disso e que ainda precisa ser reafirmado a cada novo dia.

Que a história das mulheres seja contada por elas, que seus feitos e contribuições permaneçam na eternidade, não em contraposição ao homem, mas em consonância, ombro a ombro.

Se um dos maiores símbolos do Rio Grande do Sul é Laçador, porque não uma LAÇADORA, representando todas as mulheres gaúchas das mais distintas etnias que deram à luz a cada pessoa que nasceu nesta terra, neste pago muitas vezes chamado de Querência Amada.

“Campeando as próprias origens qualquer guri vai achar!”

(Origens- Antonio Fagundes / Bagre Fagundes)

Figurino

A concepção do vestuário foi de suma importância para criação da conexão com a temática. Transpor o paradigma da mulher em seu vestido tradicional de prenda com saia comprida

O Figurino foi inspirado nos trajes femininos das mulheres que dançam chula e, especialmente, o malambo, um espaço conquistado com muita determinação.

Ao mesmo tempo que mantem elementos tradicionais como a faixa pampeana e o próprio conceito de vestido longo, repagina a ideia ao trazer a calça de franjas e a saia com duas fendas frontais e fundo de cor contrastante. O tecido de veludo azul marinho traz a galhardia e honraria de representar uma cultura tão rica, e que tem tanta história, inclusive de grandes feitos em batalhas, algo que se entrelaça entre os povos gaúchos do pampa, devido às fortes influências militares, pois trata-se de uma região que por muitos anos foi palco de disputas geopolíticas.

*“É preciso endurecer, mas sem perder a ternura jamais!”
(autor desconhecido)*



Maquiagem

Elaborada com inspiração nas origens indígenas que habitaram o Pampa Gaúcho, mas com um estilo diferenciado, tendo como referência as técnicas de maquiagem circense contemporâneas, local onde a cultura gaúcha ganhou o mundo através de performances com bombos, sapateados e boleadeiras sob as lonas.



Cenografia

A cenografia tenta transportar a plateia para dentro do foco da nossa narrativa, com bombos gigantes e grafismos indígenas para ambientação, reforçando a identidade cultural pampeana, um símbolo de rusticidade e força.

A tempestade reforça o poder das forças da natureza sobre a vida, assim como a água sacia a sede, pode destruir o lugar que nascemos, crescemos, vivemos e aprendemos a amar incondicionalmente, influenciando diretamente as pessoas que vivem naquele ambiente. As tranças e cordas relembram que as mazelas da vida deixam marcas, que vão moldando a personalidade e a resiliência de cada ser.

“Depois da tempestade vem a bonança” (provérbio popular)

Os seres humanos têm uma grande capacidade de adaptação a diferentes lugares e situações sem que isso provoque um conflito com a sua civilização. Isso é extremamente paradoxal pois, como não existe local específico para “mim”, potencialmente todos podem ser “meus”, contudo a sensação de fazer parte de uma comunidade unida, com laços sociais e históricos, fortalece o amor e a identificação com o território para além de aspectos geográficos e biológicos. Assim a luta para reconstrução do seu pago é mais que mera necessidade é um ato de dever e integridade.

“Todas as pessoas moram em sua terra, mas a minha mora em mim” (autor: Said As)

A lembrança das origens e o pertencimento são elementos essenciais para que esse legado seja transmitido de geração em geração.

“Um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes.” (autor: Marcus Garvey)



Coreógrafa

Luiza Araujo assina a coreografia “Meu Rio Grande, meu lar!”



Bailarina, Professora e Produtora. Iniciou na dança em 1995 na modalidade de balé clássico na cidade de Jaguarão.

No ano de 1997, iniciou seus estudos de Dança do Ventre direcionando sua carreira para o aperfeiçoamento das diversas técnicas dessa modalidade. Tem um estilo contemporâneo, buscando sempre se atualizar as novas técnicas, tendências, fusões e vertentes das danças árabes.

Em 2006, em parceria com o professor de balé e jazz, Abelardo Oliveira, fundaram o Ayuni Studio de Dança, onde atualmente ministra aulas de Dança do Ventre, Dança Cigana e Jazz.

Foi premiada em diversos festivais como bailarina e coreógrafa, com destaque para melhor bailarina no Festival de Santa Maria em Dança (RS) e vice-campeã em 2 categorias de grupo no Festival Nacional Shimmie de Dança do Ventre (SP). Participou de inúmeros Festivais Nacionais e Internacionais como bailarina convidada e jurada de competições com destaque para o EIDA em Buenos Aires na Argentina, onde também esteve em Neuquen, Posadas, Córdoba e Formosa. Além disso esteve no Uruguai, Peru, Colômbia e Chile. No Brasil esteve também em AM, SC e MT.

Dançou com renomadas orquestras árabes sul-americanas como Orquestra Mario Kirlis, Horus Arab Music, Armem Kusikjan, Ilahun, Hilal Haidi entre outras, e ao lado de cantores como Tony Mouzayek, Mariana Gasali e Sabri Taghian.

Produziu mais de 15 espetáculos, 4 mostras, 6 festas, 8 festivais de Dança do Ventre e 8 Festivais de Dança, 5 comissões de frente, 3 desfiles de bloco de carnaval, 2 projetos socioculturais.

Elenco

O Corpo de Baile é composto por integrantes da Cia Ayuni de Danças Júnior, um grupo amador composto por alunas que participam das aulas regulares de dança no Ayuni Studio de Dança, incluindo aquelas matriculadas através dos projetos socioculturais do Instituto Cultural e Esportivo Makṭub.

- ❖ Ana Affonso- Bailarina
- ❖ Candelaria Antunes - Bailarina
- ❖ Isabella Martins - Bailarina
- ❖ Krizielly Peres - Bailarina
- ❖ Julia Nicolao - Bailarina
- ❖ Larissa Zart - Bailarina
- ❖ Livia Nobre - Bailarina
- ❖ Livia Ramires - Bailarina
- ❖ Luiza Aldacy - Bailarina
- ❖ Manuela Meireles- Bailarina
- ❖ Mariana Nobre - Bailarina
- ❖ Suelen Calcagno - Bailarina
- ❖ Sofia Teixeira - Figurante (a Laçadora)



Técnica

A equipe técnica de suporte a Cia Ayuni Júnior é composta por:

- ❖ *Tiago Coimbra – Produção e Iluminação*
- ❖ *Cristiane Dutra – Acessórios e Adereços*
- ❖ *Simone Nobre – Figurinos*
- ❖ *João Carlos Vieira – Contrarregra*
- ❖ *Regina Chagas – Maquiagem*
- ❖ *Luciano Araujo – Cenografia*
- ❖ *Mara Lima – Fotografia*



Apoio

Ao longo da jornada recebemos o apoio fundamental para o desenvolvimento das atividades:

- ❖ *Ministério da Cultura*
- ❖ *Secretaria da Cultura do RS*
- ❖ *Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude de Jaguarão*
- ❖ *Secretaria de Cultura e Turismo de Jaguarão*
- ❖ *Centro de Tradições Gaúchas Lanceiros da Querência*
- ❖ *Grêmio Cabo Guilherme (12º R C Mec)*
- ❖ *Patricio Carvalho – Terra Sul Motos*
- ❖ *Dii Santos - Cia Bageense de Arte e Dança*
- ❖ *Denis Estátua Viva*
- ❖ *Carol Zimmer*
- ❖ *Cammy Videomaker*
- ❖ *Emily Borghetti*
- ❖ *Marco Aurelio*
- ❖ *Taise Santos*
- ❖ *Louise Pereira*
- ❖ *Daniel Andrade*
- ❖ *Agro Veterinária Uruguai*
- ❖ *Perussatto Percussão*
- ❖ *Sarah Emygdio*

Inspirações

Uma coreografia, muitas histórias, significados, inspirações e referências:

O trabalho de Emily Borghetti, com os espetáculos *Pulsar* (Cia Cadica) e *Chula* (solo), que provocam o público a repensar as danças gaúchas através de fusões e novas abordagens.



O documentário: *Origen "El Malambo y La Mujer"*, a primeira obra audiovisual a mostrar a importância da participação das mulheres no malambo como um acontecimento histórico. A prática do malambo feminino não é nova, sempre houve mulheres que gostavam de sapatear, mas as oportunidades de se apresentar diante do público só existiam em pequenas competições. Há um caso particularmente eloquente: em 1994,



o pampeano Fernando "Indio" Rossi foi eleito Campeão Nacional no prestigiado Festival de Malambo de Laborde e foi treinado por sua conterrânea Ana Domínguez.

"Os ciclos da minha vida me demonstram que o sonho é de quem o faz por amor... o amor que te empurra quando te dizem que não podes por ser mulher"

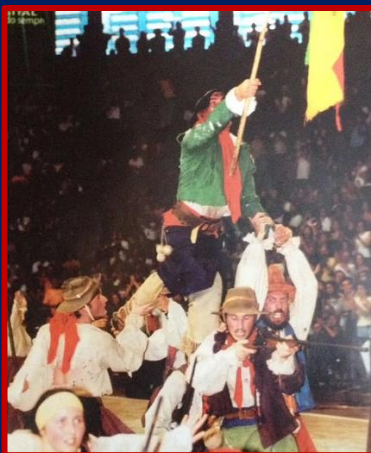
(Flor Alvarez - Origen "El Malambo y La Mujer")

Referências

No trabalho de pesquisa e criação um dos referenciais da cultura gaúcha é o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART), considerado o maior festival de arte amadora da América Latina.

Alguns momentos icônicos deste evento não poderiam deixar de ser revisitados e ganharem uma nova perspectiva e roupagem.

Foram escolhidas e unificadas em uma “cena”: a bandeira farrapa sendo empunhada sobreposta aos bailarinos do CTG Ronda Charrua que foi eleita como a melhor coreografia de saída em 2001 e a estátua viva do Laçador em coreografia do CTG Lanceiros da Zona Sul, campeão em 2002. Além do CTG Tiarayú, campeão em 2016, que trouxe, em suas coreografias de entrada e saída, as influências do flamenco, do malambo e o bombo leguero.



Bibliografia

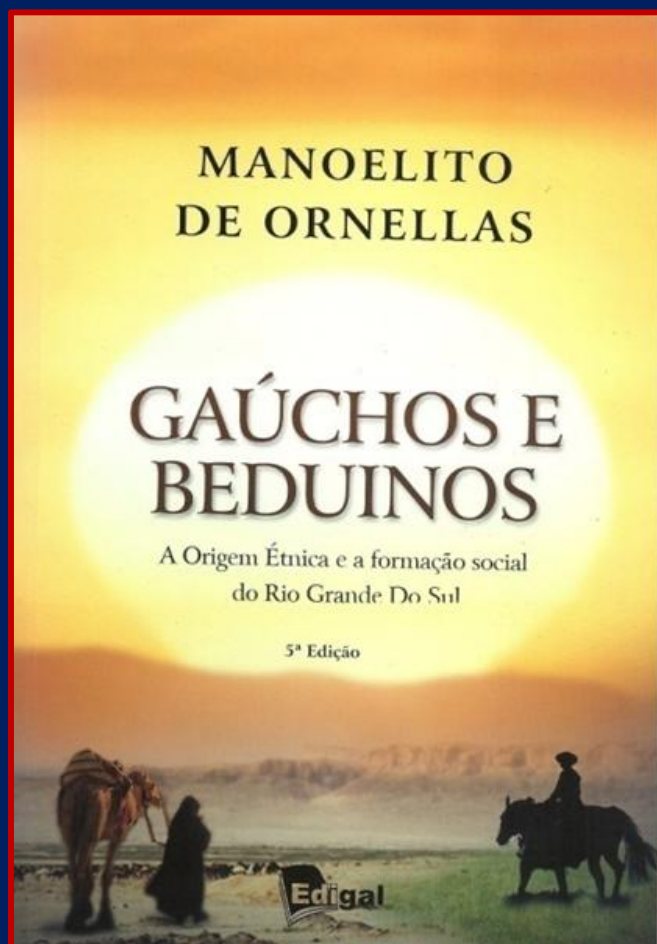
Monoelito de Ornellas

(Itaqui, 17 de fevereiro de 1903 - Porto Alegre, 8 de julho de 1969)

Foi um jornalista e escritor brasileiro, vinculado à vertente platina da historiografia riograndense, junto com Alfredo Varela.



Autor de diversas obras de cunho sociológico, entre elas a obra fundamental da cultura gaúcha e da cultura brasileira, Gaúchos e Beduínos, considerado um dos dez principais livros da sociologia brasileira.



Projetos Sociais

